


O arquivo paroquial de Muxima: inventário e considerações sobre uma fonte arquivística quase perdida

José C. Curto*

pp. 165-180

Em 1933, o Padre Manuel Ruela Pombo deu ao público um inventário de certa importância para a história de Angola. Publicado em revista que ele próprio editava e para a qual contribuía largamente, este inventário incidia sobre documentos “religiosos” que ainda se encontravam no Arquivo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Muxima, assim como a documentação sobre Muxima depositada no Arquivo do Bispado de Angola¹. Ambas fontes estavam principalmente relacionadas com dois sacramentos e uma prática do catolicismo: batismo, casamento e óbito. Documentação essencialmente complementar, principiando na segunda década do século XIX e acabando com o princípio dos anos 1930, esta cobria um pouco mais de cem anos da história da paróquia da Muxima. Que eu saiba, este inventário (e as fontes para que aponta) não tem sido utilizado por nenhum pesquisador: parece que se perdeu no tempo.

Muxima é hoje uma pequena vila do município da Quiçama, província de Luanda. Com menos de 9.000 habitantes, este aglomerado urbano tem-se consolidado como o mais importante local de peregrinação de Angola. Todos os anos, nos dias 31 de agosto e 01 de setembro, mais de um milhão de pessoas visitam Muxima para celebrar uma suposta aparição da Virgem Maria no início da década de 1830 (Cardoso; Fernandes). O destino dos peregrinos é a Igreja de Nossa Senhora da Muxima, uma igreja originalmente construída no início de 1600 e tombada em 1924 como monumento histórico. Outro marco importante nesta vila é sua pequena fortaleza ou forte, também originalmente construída no início dos 1600 (Rebello de Aragão, 10; Ravenstein, 155-156; Heintze, I: 6, 72, 99, 104-105, 164-165, 215, 272, 290, 318, 323, 342-343, 347-348, 373; II: 100, 173, 267, 296, 299). Uma batalha importante por este reduto defensivo ocorreu em 1646 entre holandeses e portugueses, e seus respectivos aliados africanos, pelo controle do comércio que fluía pelo rio Kwanza (Cavazzi de Montecúcolo, II: 62, 82, 266; Cadornega, I: 35, 80, 84, 176, 192, 227, 275, 318, 325, 447, 457, 460, 466-467, 478-479, 482, 492, 498-500, 505, 531, 549, 584, 592; II: 55, 62, 115, 121, 166, 199, 245, 303, 349-353, 374-375, 380, 392, 407, 445-461; III: 11, 57, 62, 72, 76, 92-114, 240, 248). O forte da Muxima também foi tombado como monumento histórico em 1924. Além disso, o centro histórico da Muxima é um dos monumentos tombados pelo estado de Angola (Pure and Authentic Tourism). E,

 <https://doi.org/10.21747/0874-2375/afr41a12>

* York University (Canada), PUCRS (Brasil), CEAUP.

¹ Ruela Pombo (1933), vol. II: N.º 5, pp. 146-152 e N.º 6, pp. 167-169 listam os documentos do Arquivo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Muxima; No. 6, 170-174 registam as fontes sobre Muxima existentes no Arquivo do Bispado de Luanda.

todos os motivos, pedem e merecem um cuidado inteligente” (Ruela Pombo, 1933, II, N.º 5, 146). Três repositórios de documentação histórica, em particular, chamaram sua atenção: o que viria a denominar-se o Arquivo Nacional de Angola, o Arquivo do Bispado de Luanda, e o Arquivo da Biblioteca do Governo Provincial de Luanda. Foi em estes arquivos locais que Ruela Pombo bebeu de suas fontes para escrever e publicar alguns de seus trabalhos, nomeadamente em *Diogo Cão*. Mas em maio de 1929, ele foi transferido de Luanda para exercer o cargo de Pároco missionário na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, o epicentro da freguesia da Muxima. Ao chegar ao seu novo destino, a dois dias de distância de Luanda (de comboio e de canoa), o Padre Ruela Pombo exclamou que “a vila era um *fim-do-mundo*, isolada por completo”³.

Desconectado do mundo como ele se pensava em Muxima, Ruela Pombo cedo começou a olhar para o acervo documental existente na Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Estabelecida num local onde os Portugueses construíram, entre o final do século XVI e o princípio do século XVII, um dos seus primeiros presídios no interior da costa angolana, a documentação poderia potencialmente abranger um período bastante longo de sua história. Todavia, essa possibilidade rapidamente evidenciou-se como falsa, pois o documento mais antigo que o padre Ruela Pombo encontrou datava da segunda década do século XIX. Além disso, os documentos ainda existentes neste arquivo encontravam-se completamente desorganizados⁴. Assim sendo, o padre missionário começou por organizar essa documentação duma maneira coerente, por lotes associados a temas particulares, como se nota em seu inventário.

Ilustração 02 - Extrato, Mapa da Colônia de Angola, 1929



Fonte: Biblioteca Nacional Digital (BND). 1929. Colônia de Angola - Esboço da carta.

- 3 Ruela Pombo, 1933, vol. II, N.º 5 (1933), 155, sublinhado no original. Henrique Galvão, então Tenente exercendo o seu ofício em Angola, referia-se ao Padre Ruela Pombo como “no seu quase exílio de Muxima” (Ruela Pombo, 1933, vol. 2, N.º 2, assuntos do fim depois da p. 64). Em carta de 22 de outubro de 1932, para o Padre Ruela Pombo, o Cônego José Matias Delgado, diria essencialmente o mesmo: “estando aí nesse deserto da Muxima e sem material de arquivo para escrever!!!” (Ruela Pombo, 1931, vol. I, N.º 9, matéria do princípio antes da p. 257). Ver também, Ilustração 01 e Ilustração 02.
- 4 Ambos os problemas não eram exclusivos de Muxima durante o final dos anos 1920 e início dos anos 1930 (Curto, 2022).

Isolado em terras do fim do mundo, Ruela Pombo não só tratava do seu novo rebanho e organizava os documentos existentes na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, como também pensou em publicar sua própria revista, onde poderia colocar os muitos recortes da história colonial de Angola que tinha colhido desde 1922. Este projeto foi dado à luz em 1931, com a publicação do primeiro número de *Diogo Cão*. O padre Ruela Pombo continuou a publicar a revista desde a Muxima até agosto de 1933, quando, aposentando-se com apenas 45 anos de idade, retornou para Portugal. Mesmo assim, persistiu em publicar *Diogo Cão* desde Lisboa até 1938. Ao todo, o autodenominado “antiquário” Ruela Pombo publicou quatro volumes da revista com conteúdo escrito principalmente por seu punho. Entre esses muitos recortes da história colonial de Angola, se encontra o inventário transcrito em baixo. Sobre esta documentação, escrevia ele, em agosto de 1933:

Nomes e factos, a vida militar, a vida religiosa, a vida económica, a administração política – tudo isto encontra o investigador preciosos elementos ou dados ou informações verdadeiras e preciosas nos Livros do Presídio da Muxima: vão já ver
(Ruela Pombo, 1933, II: 146).

O padre Ruela Pombo cedo compreendeu que os documentos religiosos ainda existentes na Igreja de Nossa Senhora da Conceição podiam efetivamente dar luz a vários aspectos da história da Muxima.

* * *

Arquivo Religioso de Muxima

1. No Cartório Paroquial

Para facilitar o estudo e busca, o nosso cuidado ou trabalho foi catalogar devidamente os Livros e Cadernos que encontramos desordenados e amontoados num canto da Sala-Consistório da nossa igreja: fizemos 11 lotes e numeramos ou pusemos os respectivos rótulos em todas as peças ou espécies. Estão agora arrumados numa estante.

Vamos também aqui dar outros elementos de identificação e autenticidade.

Primeiro Lote: Inventários

Folhas, Cadernos e Livros dos Inventários de todas as preciosidades, bens e mais objetos pertencentes à Junta de Paroquia.

I. 1838. Folhas 1, 4, 5, 6. Numeradas e rubricadas pelo Presidente Antonio Francisco de Sales Moreira.

1845 (?). Folhas 34 e 35. Numeradas e rubricadas, idem.

1846. Folha 36, idem.

1848. Folhas 40 a 46, idem.

1849. Folha 50, idem.

II. 1850/1860. 48 Fls. Termos de abertura e encerramento e rubrica por José Joaquim Borralho, comandante do Presídio.

III. 1860/1911. 293 fls. Termos de abertura e encerramento e rubrica por Antonio Gomes Serrão, alferes e Chefe do Concelho.

IV. 1912. Folhas 24 a 36. Sem rubrica. Tem assinaturas do pároco Padre José Pereira da Costa Frota, do pároco Padre Agostinho de Sousa e do administrador Pedro Francisco de Sousa, Major da 2.^a linha.

V. 1913. Em uso, 146 fls. 6 a 15 numeradas à parte e rubricadas por Pio do Amaral Gorgel Lebre. Entrega do pároco Padre Manuel Filipe Santiago, a 25 de maio de 1929, às fls. 51, v. 53. Padre Ruela. Fls. 53v e 54.

Segundo Lote: Receita & Despesa

Livro ou Cadernos de Receita e Despesa

I. 1838. 13 fls. Termos de abertura e encerramento e rubrica por Antonio F. de Sales Moreira, Presidente.

II. 1839. 15 fls., idem.

III. 1840. 47 fls., idem.

IV. 1841. Falta.

V. 1842. 17 fls. Presidente Sales Moreira.

VI. 1843 e 1844. 22 fls., idem.

VII. 1845. 22 fls. Abertura, rubrica e encerramento do Presidente Manuel Correia da Rocha.

VIII. 1846 e 1847. 60 fls. Abertura e rubrica do Presidente Gaspar dos Reis Claro e Barros. Falta a folha com o termo de encerramento.

IX. 1848. 26 fls. Falta a folha do termo de abertura. Rubrica e termo de encerramento pelo Presidente Faustino Fernandes Cardoso e Guerra.

X. 1849. 28 fls., idem. Só estão rubricadas as folhas 1 a 18.

XI. 1850 a 1854. 103 fls. Não tem termo de abertura. Fls. 1 a 85 rubricadas pelo chefe do concelho Borrvalho. Termo de encerramento por Manuel Correia da Rocha, Presidente.

XII. 1854 a 1857. 158 fls. Termos de abertura e encerramento pelo escrivão da Junta Manuel de Jesus Machado. Todas as fls. foram rubricadas pelo comandante do Presídio Francisco José da Mata.

XIII. 1858 a 1859. 29 fls. Termos de abertura e encerramento e rubrica por João Cardoso de Guerra e Natos, Presidente.

XIV. 1860 a 1862. 298. Termos de abertura e encerramento e rubrica por Antonio Gomes Serrão, alferes chefe.

XV. 1883 a 1891. 140 fls. Termos e abrt. e enc. e rub. pelo administrador do concelho João Gualberto Esteves de Carvalho.

XVI. 1891 a 1898. 150 fls. Termos e abrt. e enc. e rub. pelo Chefe do Concelho José Lúcio da Fonseca Saraiva Caldeira.

XVII. 1898 a 1899. 50 fls. Termos e abrt. e enc. e rubrica pelo Chefe do Concelho Apolinário Francisco de Carvalho.

XVIII. Falta.

XIX. 1907 a 1913. 100 fls. Termos e abrt. e enc. e rub. pelo Chefe do Concelho Pedro Francisco de Sousa, Major da 2.^a linha.

XX. 1913 a 1929, 149 fls. Termos e abrt. e encerramento pelo Secretário-Substituto Lourenço Fernandes. Rubrica-carimbo do mesmo.

XXI. 1930. Em uso. 32 fls. Termos de abertura e encerramento pelo pároco padre Manuel Ruela Pombo.

Terceiro Lote: Actas

Cadernos e Livros das Actas

- I. 1844 a 1845. 18 fls. Sem termos de abertura, nem enc., nem numeração, nem rubrica.
- II. 1846 a 1847. 66 fls., idem.
- III. 1848. 17 fls. idem.
- IV. 1849. 13 fls., idem.
- V. 1850 a 1859. 125 fls. Termos de abert. e enc. e rubrica do Presidente Manuel Correia da Rocha.
- VI. 1859. 11 fls. Termo de abertura e rubrica de João Cardoso de Guerra e Matos, Presidente, Falta o t. de enc.
- VII. 1860 a 1881. 301 fls. Falta o t. de abert., enc., e rub. pelo Presidente João Cardoso.
- VIII. 1882 a 1893. 200 fls. Termos de abert., enc., e rub. pelo Presidente Interino Salvador Fernandes Claro Maria do Carmo.
- IX. 1893 a 1902. 149 fls. Termos e rubrica do chefe do concelho José Lucio da Fonseca Saraiva Caldeira, alferes do exército.
- X. 1902 a 1913. 145 fls. Termos e rub. pelo pároco padre Carlos Francisco Pinheiro.
- XI. 1913 a 1927. 48 fls. Numerado e rubricado com a (sic) nome, em carimbo, de Lourenço Fernandes, por comissão do padre Agostinho de Sousa.
- XII. 1927. Em uso. Administração dos Párocos-Missionários, conforme o Estatuto Missionário.

Quarto Lote: Oblatas

Livros da entrada e saída das Oblatas

- I. 1898 a 1899. 50 fls. Termos e rubrica do chefe do concelho Major Apolinário Francisco de Carvalho.
- II. 1899 a 1907. 85 fls. Termos e rub. de Padre Lobo e Frias, ou seja o Pároco Padre Rodolfo Lourenço dos Mártires Francisco Caitano do Rosário Vitória Lobo e Frias.

Quinto Lote: Ofícios

Livros & Cadernos de Ofícios ou Correspondência

- I. 1846. 11 fls. Sem numeração e sem rub.
 - II. 1849. 5 fls., idem.
1880 a 1882. 42 fls. não rubricadas. Folhas 29 verso a 40: diversos Ofícios do pároco
 - III. Padre João Constâncio Rodrigues. Folhas 41 verso e 42: Ofícios de 5 de março e de 7 de maio de 1882.
- A princípio, este Livro teve outro destino: Fls. 1-29, 1866-1870, Receita e Despesa dos Cemitérios do Concelho e despesas com os Trabalhadores que fizeram a casa do pároco padre Baltasar Antonio Teixeira Pinto. Na fola 28v., está notado que,

a 8 de maio de 1870, a administração dos Cemitérios passou a ser encargo da Comissão Municipal.

IV. 1893. Em uso. Termos e rubrica do pároco padre Manuel Joaquim Neto. A Correspondência do Padre Ruela está registada ou arquivada da folha 107 a folha...

Sexto Lote: Pastorais & Casamentos

Livro único. Numeração, rubrica e termos de abertura e encerramento pelo deão e vigário Leonardo José Vilela, em 12 de agosto de 1828.

Era destinado a assentos de CASAMENTOS.

Nas fls. 1-9, está a célebre Pastoral de 8 de agosto de 1828, com 26 importantes Artigos.

Depois, até à fl. 27v., outras Pastorais também interessantes.

Na fl. 28, estão registados 2 Casamentos, de 1835, sendo pároco o padre Joaquim José de Abreu.

No verso da fl. 28, está uma RECOMENDAÇÃO de Leonardo J. Vilela, com data de janeiro de 1841.

Da fl. 29 à 57v, estão registados diversos casamentos de 1840 a 1873, presididos pelos Padres Antonio João de Carvalho, Matias José Rebelo, Francisco de Assis de Andrade, Cónego Manuel Monteiro de Morais, Cónego Domingos Pereira da Silva Sardinha, Manuel Rodrigues Ramos, Antonio Lopes de Carvalho, Baltasar Antonio Teixeira Pinto e Lázaro Antonio José de Sá.

Sétimo Lote: Óbitos.

I. 1835 a 1862. Com a rub. do deão Vilela. Dois óbitos em 1835. No verso da fl. primeira está a RECOMENDAÇÃO do vigário capitular Vilela. Um ób. em 1847 e mais óbts. de 1850, em 6 fls. Mais óbts. de 1859 a 1862, em dez fls.

II. 1862-1863. 14 fls. Sem rubrica.

III. 1864-1865. 15 fls., idem.

IV. 1896 a 1899. 9 fls. Termos de abrt. e enc. e rub pelo pároco Padre Lobo e Frias.

V. 1899. 6 fls., idem.

VI. 1900. 10 fls., idem.

VII. 1901 com 17 assentos e 1902 com 11. 11 fls., idem.

VIII. 1903 com 2 assentos, e 1904 com 3. 2 fls. Termos e rub. do pároco Padre Carlos Francisco Pinheiro.

IX. 1905. 2 fls. Termos e rub. do pároco Padre Antonio Moreira Basílio.

X. 1906. 6 folhas, com 17 as. idem.

XI. 1907 e 1908. 6 fls. 15 mais 2 assentos, idem.

XII. 1909 a 1911. 6 fls. Termos e rub. pelo pároco padre José Pereira da C. Frota. Seis mais sete e mais quatro assentos.

XIII. 1912. 4 fls. Termos e rub. pelo pároco Padre Agostinho de Sousa. Oito assentos.

Oitavo Lote: Batizados. Casamentos e Óbitos.

Os Livros de Assentos de Baptismos, Casamentos e Óbitos.

- I.** 1893 a 1896. O termo de abertura foi lavrado pelo pároco Padre Manuel Joaquim Neto; o de encerramento e a rubrica das fls. pelo pároco Cónego Mateus de Almeida. Da folha 19v a folha 46 só Baptismos.
- II.** 1896 a 1898. 33 fls. Termo de abert. e rub. das folhas 1-15 pelo pároco Cónego Joaquim José Xavier Casimiro Mascarenhas. Rub. das fls. 16 a 48 e termo de enc. pelo pároco Padre Rodolfo...Lobo e Frias.
- III.** 1899. 9 fls. Termos e rub. do Padre Rodolfo. 21 assentos.
- IV.** 1900. 10 fls. 17 assentos, idem.
- V.** 1901 e 1902. 9 fls., idem. Dez assentos mais oito.
- VI.** 1903 e 1904. 15 fls. Termos de abertura do vigário Geral Manuel Alves da Cunha, que autorizou o pároco Padre Carlos F. Pinheiro para o numerar e rubricar e lavar o termo de enc. Trinta mais quinze assentos.
- VII.** 1905. 18 fls. Termos e rub. pelo Padre Antonio Moreira Basílio. Trinta e sete assentos.
- VIII.** 1906. 10 fls. Idem. Vinte assentos.
- IX.** 1907 e 1908. 36 fls. Idem. Vinte mais sessenta e oito assentos.
- X.** 1909 a 1911. 47 fls. Termos e rub. pelo pároco Padre José P. da C. Frota.
- XI.** 1912. 18 fls. Termos e rub. pelo pároco Padre Agostinho de Sousa. 33 assentos.
- XII.** 1914. 19 fls. Termos e rub. pelo capitão-mor Frederico Augusto Esteves. Trinta e oito assentos.
- XIII.** 1915 e 1916. 40 fls., idem. Vinte e nove mais 40 assentos.
- XIV.** 1922. 13 fls. Termos e rub. pelo administrador José Joaquim Marques. Trinta e um assentos de baptismos.
- XV.** 1923. 59 fls. Termos e rub. pelo adm. interino Paulino Luís do Carmo. 82 assentos de Bap. CASAMENTO de Aníbal Humberto de Campos com dona Ana Nogueira Augusta do Prado. 2 óbitos.
- XVI.** 1924. 15 fls. Termos e rub. pelo adm. Aníbal H. de Campos. 43 baps. e 8 óbitos.
- XVII.** 1925. 98 fls. Termos e rub. pelo adm. Hermínio Castelbranco. 20 bapts. e oito óbitos.
- XVIII.** 1926. 50 fls., idem. 20 bapts. e 5 óbitos.
- XIX.** 1927. 50 fls. Termos e rub. pelo adm. Gonçalo Queiroga. 48 bapts. e tres óbitos.
- XX.** 1928. 50 fls. Termos e rub. pelo administrador Joaquim Proença. 38 bapts. e três óbitos.
- XXI.** 1929. PRIMEIRA PARTE com 50 fls. Termos e rubrica, em carimbo, do adm. Lafayette Machado. 71 assentos de baps. e 4 de óbitos. SEGUNDA PARTE com 50 fls. Termos e rubrica de Armando de Bastos Freire, Secretário e na ausência do adm. 50 assentos de batizados.
- XXII.** 1930. 100 fls. Termos e rubrica-carimbo de Lafayette Machado. 107 batizados e 3 óbitos.
- XXIII.** 1931. 60 fls. Termos e rubrica de Armando B. Freire. 29 batizados e 1 óbito.

XXIV. 1932. 50 fls. Termos e rubrica pelo adm. Francisco Martins Bragadesto. 56 Baptismos. CASAMENTO de José Caitano Galvão com dona Ascensão Coutinho de Faria. Oito óbitos.

XXV. 1933. 50 fls. Termos e rubrica-carimbo pelo secretário, servindo de administrador, Zózimo Maia. Em uso.

Por Lei, os Livros selados de Assentos, desde 1922, depois de findo o ano, têm sido entregues à Administração Civil.

Nono Lote: Leilões.

I. 1912. Em uso. 148 fls. Termos e rubrica pelo adm. Pedro Francisco de Sousa, major da 2.^a linha, em ju[?]no de 1907.

Décimo Lote: Editais.

I. 1913. Em uso. 26 fls. Termos de abertura e encerramento pelo vogal, servindo de assistente, Antonio Ferreira de Lémós. Só estão rubricadas as 4 primeiras fls.

Décimo Primeiro Lote: Orçamentos.

I. 1912-1927. 3. Só 17 folhas com copias dos orçamentos.

2. Na Câmara Eclesiástica de Luanda

Em complemento do que acabamos de escrever relativamente aos Livros do Arquivo Religioso de Muxima, passamos agora a dar aqui a lista dos Livros, também de Muxima, que se encontram na Câmara Eclesiástica de Luanda:

BAPTISMOS:

Livro número 1. Termos de abertura e encerramento do deão e vigário capitular Leonardo José Vilela, com a data de 12 de agosto de 1828. 186 folhas. De 19 de outubro de 1828 a 12 de abril de 1833, os assentos foram lavrados pelo pároco padre Jerónimo de Carvalho, e de 20 de maio de 1833 a 8 de setembro pelo vigário Joaquim José de Abreu. De 9 de dezembro de 1833 a 20 de janeiro de 1834 fez batizados na Igreja da Muxima o padre Cosme de Lémós, vigário de Zenza. Em março fez batizados o pároco padre Jerónimo de Carvalho. De setembro de 1834 a maio de 1836, foi pároco o padre Joaquim José de Abreu. Em março de 1840 o vigário de Massangano padre Francisco de Assis e Andrade fez três batizados. Em janeiro de 1841 (Folha 18v), o vigário-capitular Leonardo escreveu uma RECOMENDAÇÃO. De 12 de abril de 1841 a 24 de maio de 1843 fez batizados o pároco encomendado Antonio João de Carvalho. Em dezembro de 1843 e 1844 e janeiro e junho de 1845, fez batizados o pároco de Massangano padre Francisco de Assis. Em dezembro de 1845, fez batizados o padre Antonio João de Carvalho. E, dezembro de 1846, 1847 e até fevereiro de 1848, fez batizados o padre Matias José Rebelo. De março a novembro de 1850, o padre Francisco de Assis. Em dezembro de 1850 51 e 52, o padre Matias. Em dezembro de 1856, o cônego Manuel Monteiro de Moraes.

1855 e 1856. Nas caixas com papéis avulsos, há assentos de batizados feitos na Muxima pelos padres Antonio Lopes e José Violin. (L.º 33, a fl. 74v).

Livro número 2. Abertura, numeração, rubrica e encerramento pelo cônego missionário Domingos Pereira da Silva Sardinha. 94 folhas. Dezembro de 1857 e 1858, baps. pelo cônego Sardinha. Em 1859, baps. sem assinatura de padre. 2 Casamentos a folhas 49 e 50.

Livro número 3. Termos de abertura pelo deão e governador do Bispado Antonio Guedes Coutinho Garrido. Luanda. Paço-Episcopal. 7 de janeiro de 1870. Rubrica e encerramento do pároco colado padre Baltasar Antonio Teixeira Pinto. 150 folhas. Em 1867 – 50 baps., em 1868 – 681, em 1869 – 168, em 1870 – 235 batizados numerados e mais outros sem número até a folha 137, em data de 18 de setembro. Em dezembro de 1871, baps. pelo padre Manuel Inácio dos Santos Torres Junior.

Livro número 4. Abertura, rubrica e encerramento do pároco missionário Lázaro Antonio José Luís de Sá. 5 de janeiro de 1872. 150 folhas. Em 1872 e 1873, em 30 folhas, baps. pelo padre Lázaro.

Livro número 5. Abertura do Bispo dom Tomás. Luanda, 18 de novembro de 1873. Rubrica e encerramento do padre Lázaro. 50 folhas. De 9 de dezembro de 1873 a 10 de maio de 1874, baps. pelo padre Lázaro. De 9 de dezembro de 1874 a 4 de março de 1876, baps. pelo pároco missionário Joaquim Jerónimo de Sant'Ana Fernandes.

Livro número 6. Duplicado do número 5.

Livro número 7. Termo de abert. pelo bispo dom Tomás. Luanda, 6 de agosto de 1875. Rubrica e encerramento pelo padre Joaquim Jerónimo. 149 folhas. De 4 de março a 2 de julho de 1876, baps. pelo padre Joaquim Jerónimo. Em 1876, baps. pelo então pároco da Ilha-de-Luanda padre Lázaro em serviço de missão em Muxima. De 27 de maio a 6 de junho, baps. pelo pároco em missão cônego Henrique Ribeiro da Cunha de Meneses. Em outubro de 1877 fez baps. o pároco em comissão Antonio Pedro Martins. Em dez., o padre Lázaro. Em dez., de 1879, o pároco padre Duarte Sant'Ana dos Remédios. De outubro a dezembro de 1880, o padre vigário João Constâncio Rodrigues. De março de 1890 a dez. De 1891, o pároco missionário Joaquim José da Silva.

Livro número 8. Duplicado do número 7.

Livro número 9. Abertura do bispo dom José Sebastião Neto. Luanda, 10 de novembro de 1880. Numeração e rubrica e termo de encerramento pelo padre João Constâncio Rodrigues. De janeiro de 1881 a fev., de 1884, baps. pelo padre Constâncio. De fev. a maio de 1884 pelo pároco encomendado padre Francisco Xavier Pereira. Em dez., pelo pároco de Massangano padre Gil Brás C. Quitério de Sousa. Em agosto de 1885, baps. pelo padre Constâncio. Em 7 de dezembro, pelo padre José Maria de Morais Gavião, que batizou dom João Mendes da Conceição Gomes Coelho, soba das terras de Muxima-Aquitangombe. (Folha 40). A 7 de março de 1886 o padre A. J. do Nascimento, pároco de Cambambe, fez um batizado na Muxima. De 26 de set. de 1886 a dez., batizados pelo padre Gil Brás. Casamento à folha 127, de João Feliciano Pederneira Junior e dona Olívia Carlota Guerra, pelo cônego Nascimento, em 7 de março de 1886. Casamento à folha 128, em 28 de abril de 1888 de Pedro do Amaral Gurgel, com 38 anos de idade, e de dona Maria de Nazaret Vieira da Silva, com 18 anos. Assistiu o pároco Gil Brás Caitano Quitério de Sousa, de Massangano. Alguns óbitos, repetidos, de 1881 e de 1890, às folhas 220-203, 271-272.

Livro número 10. *Livro número 9*, selado ou duplicado.

Livro número 11. Termo de abertura pelo padre Manuel Joaquim Neto. Muxima, a 1 de março de 1893. No verso, novo termo de abertura pelo cônego Mateus

de Almeida, com a data de 6 de agosto, em virtude da Circular do vigário geral cónego José Ricardo Freire de Andrade, de 10 de julho de 1892. 200 folhas. De 30 de novembro de 1892 a 26 de fevereiro de 1893, estão 75 assentos de batizados, sem assinatura do padre celebrante. De primeiro de novembro de 1893 a 25 ou 26 de abril de 1896, baps. pelo cónego Mateus. Em branco as folhas 47-200.

Livro número 12. Cónego Mascarenhas. Livro selado 1896-1898.

Livro número 13. Selado de 1899.

Livro número 14. Selado de 1900.

Livro número 15. Selado de 1901 e 1902.

Livro número 16. Selado de 1903 e 1904.

Livro número 17. Selado de 1905.

Livro número 18. Selado de 1906.

Livro número 19. Selado de 1907 e 1908.

Livro número 20. Selado de 1909 e 1910.

Livro número 21. Selado de 1911.

Livro número 22. Selado de 1912.

Livro número 23. Original de 1913. Batizados feitos pelo Bispo dom João Lima Vidal, a 2 de fevereiro de 1913. 13 assentos lavrados pelo punho do padre José Simões Maio.

Livro número 24. Selado de 1913.

CASAMENTOS:

Livro número 1. 1875-1879. Sete casamentos nas 5 folhas.

Livro número 2. Duplicado do número 1.

Livro número 3. Caderno duplicado de Casamentos de 1910.

ÓBITOS:

Livro número 1. 1852-1858.

Livro número 2. 1867-1873.

Livro número 3. 1873-1877.

Livro número 4. Número 3 em duplicado.

Livro número 5. Só 9 folhas, 1896-1898.

Livro número 6. 17 assentos de 1899.

Livro número 7. 24 assentos de 1900.

Livro número 8. 17 assentos de 1901 e 11 de 1902.

Livro número 9. 2 assentos de 1903 e 3 de 1904.

Livro número 10. 5 assentos de 1905.

Livro número 11. 17 assentos de 1906.

Livro número 12. 14 assentos de 1907 e 2 de 1908.

Livro número 13. 6 assentos de 1909, 7 de 1910 e 4 de 1911.

Livro número 14. 8 assentos de 1912.

INVENTÁRIOS:

Nos maços de papéis-avulsos, no Arquivo da Câmara Eclesiástica, há Inventários dos bens da Paróquia de Muxima de 1820, de 1828, feito pelo padre Jerónimo, de 1834, 1838, 1871, de 1880 e 1881 pelo padre Jerónimo, e de 1886.

* * *

Várias conclusões podem ser tiradas do inventário transcrito em cima. Primeiro, temos uma falta de continuidade cronológica nas fontes encontradas pelo padre Ruela Pombo. E isto é evidente tanto no Arquivo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Muxima como nos papéis sobre Muxima depositados no Arquivo do Bispado de Luanda: no caso do primeiro, por exemplo, temos um enorme lapso cronológico nos documentos incidindo sobre óbitos entre 1865 e 1896; no caso do segundo, o mesmo acontece também com as fontes sobre óbitos entre 1877 e 1896. Tal falta de continuidade pode ser explicada pela segunda conclusão a ser tirada deste inventário. Através do período coberto por este inventário, entre 1820 e os primeiros anos da década de 1930, tanto a documentação encontrada no Arquivo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Muxima como aquela sobre Muxima depositada no Arquivo do Bispado de Luanda mostram a Igreja Católica em Angola como incapaz de atender às necessidades sacerdotais da Muxima. Sacerdotes permanentes eram raros. Por isso que, muitas vezes, os sacramentos tinham que ser oficiados por padres de comunidades eclesásticas vizinhas: Massangano, Cambambe, Ilha de Luanda ou mesmo Zenza (de Quillengues). E este trabalho de remendo, para assim dizer, produzia registos que, em vez de serem específicos a determinados sacramentos, na verdade eram amalgamados em um único livro. Em outros casos, os registos não eram simplesmente coligidos.

Tais conclusões, para quem tem trabalhado arquivos eclesásticos em Angola, não representam nada de novo. O lapso cronológico encontrado em documentos eclesásticos afeta qualquer freguesia em Angola colonial. Vale a pena lembrar que no caso de Luanda, centro administrativo e eclesástico da colônia desde o final do século XVI, a documentação religiosa só aparece (existe) com o final da década de 1720; e no caso de Benguela, povoamento costeiro estabelecido em 1617, as fontes eclesásticas existem somente depois do fim da década de 1770 (Curto, 2022). Com respeito à falta de sacerdotes através da colônia, já há muito que sabemos de tal déficit⁵, fato que levou a Igreja Católica, desde praticamente o início da colônia no final do século XVI, a tentar desenvolver um clero africano⁶. E finalmente, os padres que lavravam os registos nem sempre possuíam os livros necessários para manterem os registos de um sacramento nitidamente separado dum outro: antes do final do século XIX, em particular, o papel era uma raridade em Angola. Assim sendo, registos de sacramentos diferentes se sucediam num só livro, como temos visto acima, ou não eram coligidos. Tais problemas tornam qualquer tentativa de análise serializada desses documentos em um processo complicado⁷.

O padre Ruela Pombo certamente ficou admirado com essa situação. Ora trabalhando numa zona investida pelo poder português desde o final do século XVI, as fontes religiosas mais antigas sobre Muxima, tanto em Muxima, como em Luanda, que encontrou durante os onze anos em que trabalhou em Angola, datavam somente da segunda década do século XIX. O que aconteceu com

5 E isso a partir do esforço cristão no reino do Kongo. Ver, entre outros: Marcussi; Thornton.

6 Brásio, 1962 e 1963, apoiado por uma pesquisa admitidamente não exaustiva, apresenta somente 280 homens natos em várias partes da África, mas sobretudo em Angola, formados em sacerdotes entre o princípio do século XVI e o fim do século XIX.

7 É revelador que o único estudo que tentou tal análise continua a ser Curto, 2002.

a documentação supostamente anterior ou posterior que cobrava as falhas cronológicas notadas?

No princípio de setembro de 1797, o alferes Lourenço Joaquim de Santa Ana produziu um extenso relatório sobre vários aspetos da Muxima, presídio do qual era então Regente.

Entre outras coisas, dizia ele,

Neste prezidio não tem livros para registros das cartas de serviço, porque achei hum todo ja escrito pelos meus antessecores⁸.

Se a administração colonial estava com falta de papel, o mesmo teria ocorrido no âmbito religioso. Aliás, Santa Ana acrescentava, existia somente:

[...] huma Igreja templo da Padroeira deste prezidio de Nossa Senhora da Conceição de Muxima e não tem Ministro Ecleziastico, e sou existe hum sacristão, filho da terra para alguma reza do terço noz dias de Sabbado, e nos Domingos, porque desde o anno de Noventa não tem ja parroquiado Parroco nem hum neste prezidio⁹.

À escassez de papel se juntava a falta, desde 1790, de pessoal religioso. Mas, mesmo assim, o alferes Santa Ana listou uma série de “livros pertencentes a igreja”. Entre estes, se encontravam:

Hum missal romano com bom uzo que sendo tres que a Igreja tinha forão litróidos pelo bixo eles mantelaranse detal forma q. ja nao tem principio nem fim.

Hum cartapaço de defuntos velho desmantelado...

Dois livrinhos a saber hum ratsal romano e hum com oletolo de Satisteiros velhoz.

Huma comstituição da baiya velha

Quatro livros a saber hum dos emventarios otro das heleçoens muinto roto hum que serve de carga e descarga aos tezoureiros cujos livros existem no cartoreo dos Escrivaens da Irmandade da mesma Igreja¹⁰.

É de notar que só três dos quatro livros referenciados no fim desta lista são pormenorizados. Mas mesmo com todas estas lacunas, o alferes Santa Ana conseguiu listar os registos quase completos de 14 batismos e de 16 óbitos ocorridos entre o início de 1797 e o final de agosto daquele ano: nenhum casamento foi celebrado durante esse período por falta de padre para officiar o dito sacramento¹¹. Presumivelmente, os batismos e os óbitos foram realizados sob a responsabilidade do “sacristão filho da terra”.

Cento e trinta e dois anos depois do alferes Lourenço Joaquim de Santa Ana ter produzido seu relatório sobre Muxima, dando inclusivamente alguns dados sobre a documentação religiosa que existia no presídio, o Padre Ruela Pombo não encontrou nenhuma dessas fontes entre os livros e cadernos “desordenados e amontoados num canto da Sala-Consistório da nossa igreja”. O “bixo”, ou o salalé, foi certamente responsável por tal desaparecimento. Mas outros fatores, incluindo o desleixo humano, também deveriam ter contribuído para essa situação: tal tem sido uma constante na história de Angola. Sabemos que os primeiros documentos que deveriam ter feito parte das coleções do Arquivo do Bispado de Luanda foram

8 Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (AIHGB), DL31,08, fl. 3v, “Noticias do Prezidio de Muxima do Reino de Angola, Anno de 1797” pelo alferes Lourenço Joaquim de Santa Ana. NB: Mantive a ortografia original nesta e nas duas citações seguintes.

9 AIHGB, DL31, 08, fl. 2v.

10 AIHGB, DL31,08, fls. 7v-8.

11 AIHGB, DL31,08, fls. 21-22.

perdidos durante a retirada portuguesa de 1641 de Luanda para Massangano, quando os papéis administrativos e, presumivelmente, eclesiásticos da jovem colônia foram lançados no rio Bengo pelas forças holandesas que os perseguiram (Cadornega, I: 272). Daí que este arquivo não tenha documentação anterior a 1648, quando os portugueses se livraram do jugo holandês com reforços vindo da América portuguesa (Ruela Pombo, 1933, II, N.º 4, 99; Jadin, 1953). Dois séculos depois, outro problema igualmente prejudicial foi detectado pelo então Vigário-Capitular, Manuel Patrício Correia de Castro. Numa declaração de 15 de março de 1832, dizia ele:

O primeiro Livro de Pastoris, que julgo: teria começado no tempo de Il.mo Bispo d. frei Manuel da Natividade, pelos anos de 1676, se não acha presentemente na Câmara Eclesiástica, onde a incúria de alguns escrivães dela — per um lado, e o salalé — por outro, deram cabo dos livros e papéis mais importantes, tendo-me sido nimiamente trabalhoso o salvar o résto e pôr tudo na ordem (Ruela Pombo, 1933, II, N.º 4, 98).

Cerca de 30 anos mais tarde, a deterioração dos documentos mantidos neste repositório atingiu tal ponto que, por “dilacerados e incapazes de uso”, foram lançados ao fogo e em público olhar uma porção de livros cuja classificação ou autores não puderam ser identificados (Ruela Pombo, 1933, II, N.º 4, 99).

E, mais perto de nós, o desleixo com as fontes históricas, tem continuado. Em 1990, o historiador Carlos Pacheco chamou “a atenção para o descabro e destruição maciça que é corrente em Angola contra o património histórico-cultural (livros, arquivos, bibliotecas, sítios, monumentos, etc)” (Pacheco, 1990: 15). Dez anos mais tarde, o mesmo autor apontou que o rol dos arquivos desaparecidos desde a independência de Angola era “extensivo”: entre estes, o do arquivo do concelho de Cassoneca, na província de Icolo e Bengo, foi “totalmente queimado em 1981 a mando do respectivo comissário” (Pacheco, 2000: 34). E em 2012, uma equipa internacional de pesquisadores revelou que enquanto muita da documentação arquivística possuída pela antiga Biblioteca da Câmara Municipal de Luanda tinha sumido, o arquivo do Hospital Geral de Benguela (o mais antigo da cidade) tinha sido destruído pela chuva num “container” enquanto a instituição se encontrava em renovação, e o arquivo do então *Soma* ou Rei do Bailundo era composto meramente de fotocópias de algumas publicações pós-1975 (Thompson). Em Angola, o arquivo, qualquer seja sua natureza, tem sempre estado em perigo de vida.

O Arquivo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Muxima, incluída documentação encontrada, organizada, e publicada pelo Padre Ruela Pombo, infelizmente não escapou a esse destino. O extenso rol dos arquivos desaparecidos apontado por Pacheco inclui esses documentos (Pacheco, 2000: 34). Assim, a documentação religiosa sobre a histórica Muxima só se encontra hoje em Angola no Arquivo do Bispado de Luanda.¹² Essa instituição continua a manter muitas das fontes eclesiásticas cobrindo o período colonial em Angola. Mas, como tenho apontado anteriormente, o Arquivo do Bispado de Luanda também não é dos melhores no cuidado de seus acervos (Curto, 2022).

¹² É óbvio que a documentação não religiosa se encontra em outros arquivos, incluindo o Arquivo Nacional de Angola. Para a coleção de códices existentes nesta instituição nos meados da década de 1960, totalizando então quase 3450 códices, ver Arquivo Histórico de Angola. Hoje, esta coleção contém mais de 12 500 códices: ver República de Angola. Ministério da Cultura. Arquivo Nacional de Angola. Isto dito, somente 6 focam exclusivamente sobre Muxima.

Referências bibliográficas

- Alves, Amanda Paloma (2016), *Oh, Muxima: A Formação da Música Popular Urbana de Angola e o Grupo 'N'gola Ritmos' (1940-1950)*, Revista TEL, 7, pp. 193-218.
- Arquivo Histórico de Angola (1996), *Angola: Roteiro Topográfico dos Códices*, Luanda: Instituto de Investigação Científica de Angola.
- Biblioteca Nacional Digital (BND) (1929), Colónia de Angola - Esboço da carta escolar / coord. por Armando Teles, inspector escolar; Henrique Moreira, des.; V. Simões, lith. - Luanda: Papelaria e Tipografia "Mondego". [Em linha]. [Consult. 18.mai.2023]. Disponível em: <http://purl.pt/8143>.
- Brásio, Antonio (1963), *A Promoção Sacerdotal do Africano, Portugal em África*, 20, pp. 135-155.
- (1962), *A Promoção Sacerdotal do Africano, Portugal em África*, 19, pp. 12-22.
- Cadornega, António de Oliveira (1972 [1680]), *História Geral das Guerras Angolanas*, Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 3 Vols. (Anotado e corrigido por José Matias Delgado e Manuel Alves da Cunha).
- Cardoso, Pedro (2013), *A peregrinação anual à Mamã de todos nós está a pronto de começar*. [Em linha]. [Consult. 16.mai.2023]. Disponível em: [afmata-tropicalia/blogspot.com/2013/07/blog-post_23.html](http://afmata-tropicalia.blogspot.com/2013/07/blog-post_23.html).
- Cavazzi de Montecúcolo, Giovanni António (1965), *Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo, Matamba e Angola*, Lisboa: Junta das Investigações do Ultramar, 2 Vols. (Tradução, notas e índices de Graziano Maria da Legguzzano).
- Curto, José C. (2022), *Fontes eclesíásticas para a história de Angola antes de 1900: O caso do Arquivo do Bispado de Luanda, Estudos Ibero-Americanos*, 48, pp. 1-16.
- (2002), 'As If From a Free Womb': *Baptismal Manumissions in the Conceição Parish, Luanda, 1778-1807*, Portuguese Studies Review, 10, pp. 26-57.
- Fernandes, Odílio (2014), *Os azares de Nossa Senhora da Muxima: Um percurso de trocas, movimentações milagrosas e intolerância*, Revista Angolana de Sociologia, 14, pp. 1-18.
- Ferreira, Aurora Fonseca (2012), *A Kisama em Angola do século XVI ao início do século XX: Autonomia, ocupação e resistência*, Luanda: Kilombelombe, 2 Vols.
- (2000), *La Kisama (en Angola) du XVIe au début du XXe siècle: autonomie, occupation et résistance*, Tese de Doutoramento, École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris).
- Heintze, Beatrix, org. (1985), *Fontes para a História de Angola do Século XVII: Memórias, Relações, e outros Manuscriptos da Colectânea Documental de Fernão de Sousa, 1622-1635*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag Wiesbaden, 2 Vols.
- Jadin, Louis (1953), *Rapport sur les recherches aux Archives d'Angola du 4 juillet au 7 septembre 1952*, Bulletin de l'Institut Royal Colonial Belge, 24, pp. 157-169.
- Marcussi, Alexandre A. (2012), *A formação de um clero africano nativo no Império português nos séculos XVI e XVII, Temporalidades*, vol. 4, pp. 38-61.
- Mercês de Queiroz, Karine Codeça das (2018), *Poder e hierarquias sociais no presídio de Muxima (Reino de Angola, fins do século XVIII e início do XIX)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

- (2016), *Qualidades de Cor e Patentes: critérios de hierarquização no Presídio de Muxima* (Reino de Angola, fins do século XVIII e início do XIX), *Veredas da História*. [Em linha]. N.º 9, pp. 96-110. [Consult. 18.mai.2023]. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48025/26163>.
- Pacheco, Carlos (2000), *Repensar Angola*, Lisboa: Edição Vega.
- (1990), *José da Silva Maia Ferreira – O Homem e a sua Época*, Luanda: União dos Escritores Angolanos.
- Pure and Authentic Tourism (S/ data), *Muxima: O lugar mais importante de peregrinação em Angola*. [Em linha]. [Consult. 16.mai.2023]. Disponível em: <https://www.pa-angola-tourism.com/portugu%C3%A9s/roteiro-di%C3%A9rio/muxima/>.
- Rebello de Aragão, Balthazar (1881), Terras e Minas Africanas 1593-1631, in, Cordeiro, Luciano, (Org.), *Viagens, Explorações e Conquistas dos Portugueses: Collecção de Documentos*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- República de Angola (2018), *Roteiro Topográfico dos Códices (Rectificado – Provisório – Completo)*. Ministério da Cultura. Arquivo Nacional de Angola. Luanda: n.p.
- Ruela Pombo, Manuel (1933a), *Arquivo Religioso de Muxima, Diogo Cão*, vol. II: N.º 5, pp. 146-152; N.º 6, pp. 167-169 e pp. 170-174.
- (Org.) (1933b), *Diogo Cão*, vo. II: N.º 4 e N.º 5, Lisboa: Imprensa Lucas & C.a.; N.º 2. Luanda: Tipografia Minerva.
- (Org.) (1932), *Diogo Cão*, vol. I, N.º 9. Luanda: Tipografia Minerva.
- Silva, José da. (S/ data), *Padre Manuel Ruela Pombo 1888-1960 – Biografia*. [Em linha]. [Consult. 17.mai.2023]. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12799961/p-manuel-ruela-pombo-freguesias>.
- Thompson, Estevam C. (2012), *Taking the Graduate Students to Luanda and Benguela: A Brazilian Perspective*, *The Harriet Tubman Newsletter*, N.º 31, pp. 14-25. [Em linha]. [Consult. 20.abr.2015]. Disponível em: <http://tubman.info.yorku.ca/publications/tubman-newsletter/>.
- Thornton, John K (2023), *Afonso I Mvemba a Nzinga: His Life and Correspondence*, Indiannapolis: Hackett Publishing Company.

Arquivos

- Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (AIHGB), DL31,08 - Notícias do Presídio de Muxima do Reino de Angola, Anno de 1797 pelo alferes Lourenço Joaquim de Santa Ana.
- Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar (SEMU), Direção Geral do Ultramar (DGU), Angola, Pasta 41 (641), 1870, Mapa de Angola (sem título), c. 1870.